

[RESENHA]

Sobre descolonizar os afetos: uma perspectiva crítica decolonial de Geni Núñez

NÚÑEZ, Geni. Descolonizando os afetos: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 192 p.

Allyson Darlan Moreira da Silva¹
Karlla Christine Araújo Souza²

Nos últimos anos, as buscas por termos como “não monogamia” têm crescido exponencialmente no Google³, principal buscador on-line. Nos veículos de imprensa, matérias jornalísticas destacam que arranjos afetivos-sexuais não monogâmicos têm encontrado cada vez mais adeptos, especialmente entre os jovens⁴. Seria essa, portanto, uma tendência nos dias de hoje? Segundo a ativista indígena brasileira Geni Núñez, em seu livro intitulado “Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UFRN e bolsista de pós-doutorado pela CAPES do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da UERN.

² Doutora Ciências Sociais pela UFRN e docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Dados do Google Trends mostram que nos últimos quatro anos houve um pico de buscas pelos termos “não monogamia” e “relacionamento aberto”, considerando os dados dos 20 anos em que a plataforma está em atividade. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

⁴ NÃO MONOGAMIA em alta: 62% dos jovens teriam um relacionamento aberto. Metrôpolis. 13 abr. 2024. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/nao-monogamia-em-alta-62-dos-jovens-teriam-um-relacionamento-aberto>>. Acesso em: 10 out. 2024.

amar” (2023) a pluralidade das formas de se organizar afetivamente já existia na cosmovisão dos povos originários. Desse modo, a não monogamia, não como a conhecemos hoje, já era uma realidade em Pindorama, hoje conhecida como as terras do Brasil, antes da chegada dos colonizadores portugueses em 1500.

Nesta obra, dividida em três partes, a autora revisita o processo pelo qual a monogamia se estabelece como uma monocultura dos afetos, em um movimento teórico-metodológico que, por um lado, visa a desconstrução do discurso da moral cristã castradora que ainda impera nos dias atuais e, por outro, num movimento de reafirmação cultural, epistêmica e social das tradições dos povos originários que desde a chegada dos invasores resistem à violência da catequese, ao racismo religioso e controle dos corpos. Para Núñez, o combate às não monogâmias indígenas era fundamental para consolidação do projeto de dominação, “porque compreendiam que sem a adesão à monogamia não seria possível realizar o batismo, e sem o batismo todo o sucesso da obra missionária ficaria comprometido” (2023, p. 27).

De maneira geral, o livro trata do projeto de colonização configurado pelas relações de gênero em que a “monocultura dos afetos” seria uma característica central. Sobre a monocultura, toma de empréstimo o termo criado por Vandana Shiva (2018), acerca da monocultura da mente, ao destacar que a autonomia dos povos originários é colocada em xeque por uma lógica política global que desconsidera os saberes das comunidades tradicionais para manutenção da biodiversidade. Sobre os afetos, aposta numa compreensão ampla em que não se refere apenas ao vínculo afetivo-sexual, mas ao legado filosófico de Spinoza sobre as afecções do corpo e complexidade dos afetos. Ainda ancorada na perspectiva da contracolonialidade, cita como referência Antônio Bispo e Ailton Krenak (2021) — pensador da etnia Krenak e autor do prefácio do livro. Ailton Krenak atesta que Geni tem raízes profundas na tradição de seu povo, assim como a autora do posfácio, Juliana Kerexu, escritora e liderança Mbya-Guarani. Para Geni Núñez, contracolônizar significa manter esforços e práticas contrários à colonização. Por sua vez, a descolonização busca trazer

o caos para ordem colonial. E esse é o objetivo central do livro mencionado já nas primeiras páginas: “contribuir, um pouco que seja, para que essa desordem, esse chacoalhar aconteça” (p. 17)

O livro também se insere num debate contemporâneo localizado no campo da crítica às estruturas patriarcais da monogamia e à colonialidade de gênero. Assim trata de abordar conceitos e percepções sobre a monogamia, além do poliamor, amor-livre, relações abertas e, sobretudo, a não-monogamia, não apenas como nomenclaturas ou enfrentamentos, mas como formas singulares de se considerar o amor por alguém, para além da dimensão romântica. Realiza uma pesquisa sobre as sanções e concepções jesuíticas acerca das práticas indígenas e sobre citações bíblicas que remetem à violência perpetrada pela catequização dos jesuítas enquanto missão salvacionista. Para a autora, os mesmos olhos que impunham a monocultura da fé, decretavam a monogamia das relações afetivo-sexuais.

Na primeira parte do livro, intitulada “Descolonização e relacionamento”, a autora explora como a imposição da monogamia durante o início da invasão colonial esteve atrelada à catequização e evangelização forçadas, bem como à expressão do racismo religioso. Ela discute ainda a relação entre monogamia, o monoteísmo cristão e a construção moral do adultério, questionando a ideia de que a não monogamia seja algo recente. Além disso, aborda os impactos da moralidade cristã nos marcos legais brasileiros e apresenta as perspectivas monogâmicas defendidas pelos jesuítas no século XVI como parte de um projeto de dominação colonial que moldou padrões afetivos e sexuais até os dias atuais.

Em *Desmistificando a não monogamia*, Geni Núñez tensiona os significados de monogamia, não monogamia, poligamia e as diferentes formas de relações afetivas como poliamor, amor livre, relações abertas e a não monogamia consensual, perpassando alguns lugares-comuns como a ideia de que a não monogamia exige mais dedicação e esforço dos seus adeptos do que as relações monogâmicas, ou de que essa prática seria apenas uma desculpa para atitudes machistas. A autora questiona também

argumentos naturalizantes baseados em comparações aos comportamentos de outras espécies de animais não humanos, a associação entre monogamia e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, e a crença de que a monogamia é sempre uma escolha livre. Além disso, propõe repensar a distribuição do trabalho nas relações, os modelos tradicionais de família e parentalidade, e defende a descentralização do sexo como eixo das relações, confrontando a heterocisnormatividade e o machismo estruturais.

Na terceira e última parte do livro, *Os desafios da desconstrução, acolhendo inseguranças e angústias*, a autora explora os dilemas e complexidades da vivência não monogâmica, abordando os desafios práticos do cotidiano e a importância de reconhecer a interdependência entre as pessoas e o exercício da coletividade como forma de sustentar vínculos. Núñez discute ainda as problemáticas do binarismo, propondo o acolhimento das singularidades, como também os impactos da não monogamia na saúde mental, além de destacar as nuances da rejeição e propor uma reflexão sobre qual ética pode orientar relações não monogâmicas em oposição à moral tradicional. Por fim, trata de temas como sofrimento, inseguranças, autoestima, padrões de beleza e normatividade, encerrando com uma breve despedida que reafirma a importância do acolhimento e da escuta sensível nos processos de desconstrução das relações monogâmicas.

Ao resgatar nas tradições dos povos originários experimentações sobre outras formas de estabelecer vínculos afetivos, Geni Núñez põe em evidência que, mais do que uma modinha do momento, a não monogamia já era uma realidade há mais de meio século, e que seu apagamento enquanto possibilidade de ser e estar no mundo resulta de um processo de perpetuação de padrões restritivos coloniais sobre os relacionamentos, os corpos, o desejo e as diferentes expressões socioculturais não hegemônicas. Nesse sentido, “Descolonizando os Afetos” é leitura indispensável para pesquisadores e alunos de diferentes áreas do conhecimento que se dedicam ao tema, ao mesmo tempo que sua escrita envolvente, clara e acessível lhe possibilita circular para além dos muros acadêmicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NÚÑEZ, Geni. **Descolonizando os afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 192 p.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2018. 240 p.